FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

LEILIANE MENESES NASCIMENTO
NATHALYE FRANCO DE SOUSA OLIVEIRA
RENATO SOUSA MATOS

A LITERATURA DOUTRINÁRIA E A LINGUAGEM DE Pe. ANTÔNIO VIEIRA:

uma análise da obra "Sermão de Santo Antônio aos peixes."

Chapadinha - MA
2014

LEILIANE MENESES NASCIMENTO
NATHALYE FRANCO DE SOUSA OLIVEIRA
RENATO SOUSA MATOS

A LITERATURA DOUTRINÁRIA E A LINGUAGEM DE Pe. ANTÔNIO VIEIRA:

uma análise da obra "Sermão de Santo Antônio aos peixes."

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do grau de Licenciados em Letras

Orientador: Prof. Esp. Claudio José Rêgo Chaves.

Chapadinha – MA
2014

LEILIANE MENESES NASCIMENTO
NATHALYE FRANCO DE SOUSA OLIVEIRA
RENATO SOUSA MATOS

A LITERATURA DOUTRINÁRIA E A LINGUAGEM DE Pe. ANTÔNIO VIEIRA:
uma análise da obra "Sermão de Santo Antônio aos peixes."

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba para obtenção do grau de Licenciados em Letras.

Aprovado em: ____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profº Claudio José Rêgo Chaves (Orientador)
Especialista em Gestão e Supervisão Escolar
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____

1º Examinador

_____

2º Examinador

Aos nossos pais pelo esforço concentrado no nosso sucesso. Aos nossos irmãos pelo apoio de todas as horas, aos nossos colegas de trabalho, pelo suporte nos momentos em que a ausência foi o único meio de alcançar esta meta e em especial aqueles cujos nomes não foram citados por representarem a grande maioria sem os quais nada conseguiríamos nesta grande caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de provar a nós mesmos que tudo podemos naquele em que confiamos.

Aos nossos pais que nos ensinaram a caminhar em busca do conhecimento e do amor fraternal.

Aos funcionários dedicados da Faculdade do Baixo Parnaíba que nos prepararam para as batalhas diárias.

Aos Professores, em especial ao professor Claudio José Rêgo Chaves e Coordenadores, que nos orientaram com suas valiosas contribuições e dignificaram a arte de ensinar.

“Benedicite, ceteet omina quaemoventur in aquis, Domino”

Pe. Antônio Vieira

RESUMO

O objetivo desta pesquisa monográfica é evidenciar a Literatura Doutrinária e a linguagem presente na obra o "Sermão de Santo Antônio aos peixes", buscando compreender a produção literária barroca através do resgate de informações e estudo da produção literária desse período. Propõe-se a partir deste estudo uma reflexão sobre o fazer humano e a compreensão do seu pensamento, além de promover no meio acadêmico o interesse pela Literatura Barroca visando à doutrina e à linguagem do Padre Antônio Vieira através do contexto histórico. Para tanto, buscou-se conhecer os acontecimentos resultantes do movimento barroco e identificar a estética usada na sua literatura. Realizou-se um estudo bibliográfico baseado nos autores Braick (2006), Bury (2006), Moisés (2008), Moraes (1995), Oliveira (1999), Roncari (2002), Sala (2002), Schneeberger (2006), entre outros. Destaca-se que a linguagem do Padre Antônio Vieira presente na obra de Santo Antônio aos Peixes apresenta-se como uma analogia aos homens da época, que deixa visível a incredulidade dos cristãos e a alienação aos seus senhores.

Palavras-chave: Antônio Vieira. Barroco. Linguagem.

ABSTRACT

The objective of this research is to highlight the Doctrinal Literature and language present in the work the "Sermon of St. Anthony to fish", trying to understand the Baroque literary production through the redemption of information and study of the literary production of this period. It is proposed from this study reflect on the human doing and understand their thinking, in addition to promoting academic interest in Baroque Literature and language teaching aimed at the Padre Antonio Vieira through historical context. So, we aimed to investigate the events resulting from the Baroque movement and identify the aesthetics used in its literature. We conducted a bibliographic study based on the authors Braick (2006), Bury (2006), Mosés (2008), Moraes (1995), Oliveira (1999), Roncari (2002), Hall (2002), Schneeberger (2006), among others. It is noteworthy that the language of Father Antonio Vieira present in the work of St. Anthony the fish is presented as an analogy to the men of the time, which makes visible the unbelief of Christians and alienation to their masters.

Keywords : Antônio Vieira . Baroque .Language.

LISTA DE FIGURAS

p.

Figura 1- Imagem do Retábulo – MOR..... 27

Figura 2- Imagem do Pe. Antônio Vieira..... 29

Figura 3- Sermão do Bom Ladrão escrito em 1965..... 32

Figura 4- Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal escrito em 1640..... 32

Figura 5- Sermão da Conceição escrito em 1635..... 33

Figura 6- Sermão Sexagésima afixado em 1655..... 33

Figura 7- Sermão de Todos os Santos escrito em 1643..... 34

SUMÁRIO

p.

1 INTRODUÇÃO..... 10

2 AS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E AS REALIDADES HISTÓRICO-SOCIAIS DO SÉCULO XVIII..... 12

3 O BARROCO..... 18

3.1 Espiritualidade e teocentrismo da Idade Média x racionalismo e antropocentrismo do renascimento..... 21

4 O BARROCO NO BRASIL..... 23

4.1 O contexto histórico-cultural: século do ouro..... 24

4.2 Os jesuítas e sua influência no ensino e na arte brasileira..... 25

4.3 A influência da arte barroca no Maranhão..... 26

5 PADRE ANTÔNIO VIEIRA..... 29

6 LINGUAGEM FIGURADA COMO RECURSO LITERÁRIO...... 35

6.1 Análise da obra "O Sermão de Santo Antonio aos Peixes"..... 38

6.2 A relação homem x sociedade presente na obra "O Sermão de Santo Antonio aos Peixes..... 47

7 CONCLUSÃO..... 50

REFERÊNCIAS..... 52

1 INTRODUÇÃO

Em 1500, época em que os portugueses chegaram ao Brasil, era uma prática recorrente informar por meio de cartas os acontecimentos – em relação ao comportamento, modos e gestos dos nativos – para o Rei de Portugal. Observou-se que através das informações e, principalmente, da carta de Pero Vaz de Caminha, no Brasil, iniciou-se um tipo de Literatura, sendo conhecida como a Literatura Informativa. A Literatura Informativa foi considerada a primeira crônica literária ocorrida no período do Quinhentismo no Brasil, sendo que a mesma demonstrava a linguagem dos colonizadores e, por essa razão, não foi considerada texto literário propriamente brasileiro.

Valor histórico-cultural das obras realizadas pelo homem em períodos distintos e observância da influência do clero ao longo da existência da sociedade humana é algo que fascina os leitores. Ao longo dos tempos, nas escolas literárias, especialmente na chamada Barroca, despertado nos amantes da literatura a busca pela pesquisa, foi resgatado por meio da leitura o valor de uma arte que teve início no Brasil em 1601, com a publicação do poema de Bento Teixeira "*Prosopopéia*".

No Brasil, o Barroco se caracteriza como peça fundamental, não só na Literatura, mas também nas outras artes. Conhecer esta arte remete a uma viagem ao século XVIII. Com isso, para resgatar os fatos que marcaram o contexto histórico deste século, é de suma importância uma construção e compreensão da Literatura no mundo contemporâneo.

Neste contexto, um dos nomes mais importantes na Literatura Barroca, foi o padre Antônio Vieira, que contribuiu para a realização de vários manuscritos que deram início à Literatura Brasileira. Assim, o tema apresentado é objeto do presente estudo monográfico e fruto de inúmeras leituras focadas na Literatura.

O presente estudo tem como tema "A literatura doutrinária e a linguagem de Pe. Antônio Vieira: uma análise do Sermão de Santo Antônio aos Peixes" que se caracteriza como uma forma de decifrar a linguagem utilizada neste período, tendo o padre Antônio Vieira e a Literatura Barroca como referência, para a referida pesquisa. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, recorrendo-se ao uso de material acessível ao público em geral, como livros e artigos já publicados.

A execução da pesquisa se deu, inicialmente, por meio de levantamento de dados, pelo estudo de diferentes tipos de textos e seleção de material bibliográfico, com a finalidade pragmática de mostrar as informações colhidas com uma perspectiva positiva e uma postura

investigativa. Posteriormente, foram realizadas releituras dos materiais e da realidade mais autônoma frente ao conhecimento, estabelecendo uma análise do contexto histórico que apontam direções ainda nos dias de hoje para a relevante influência da Literatura Barroca em pleno século XXI.

A presente pesquisa refletiu em uma extensa busca pela compreensão dos valores que nortearam a construção de uma história da Literatura Brasileira, sobretudo em seu relacionamento direto com as fontes da metrópole com a qual passa a dialogar de maneira intrínseca. No Estado do Maranhão, na cidade de São Luís, encontra-se uma grande e vasta riqueza da Arte Barroca, sendo nas igrejas a predominância da mesma. Assim, a Catedral Nossa Senhora da Vitória, conhecida como Igreja da Sé, é um patrimônio que encanta através do exagero Arquitetônico ao construir determinado monumento deste período.

O Barroco foi uma das escolas mais longas da história da Literatura Portuguesa. A arte barroca tem origem na Itália, em meados do séc. XVI, e logo se expandiu por outros países da Europa, iniciando-se em 1580, com a morte de Camões e Dom Sebastião, grandes líderes do povo Português. Com a morte destes, a Espanha dominou Portugal e implantou a Arte Barroca no país, estendendo-se até 1756 com o surgimento das primeiras reuniões neoclássicas. Estabeleceu-se, então, como marco final desta escola o surgimento da Arcádia Lusitana.

O Barroco trouxe em sua essência um padrão de tensão, um atrito entre duas visões: teocêntrica e antropocêntrica. A arte barroca reflete em suas obras diferentes nuances em realidades totalmente opostas, daí causando uma grande mudança nos aspectos sociais, culturais (religiosos) e econômicos. Nesta perspectiva, o Padre Antônio Vieira, através dos seus Sermões, mostra as desigualdades existentes neste período, em que a realidade é uma dura luta entre as coisas terrenas e as coisas celestes. Os aspectos sociais e econômicos caracterizavam o homem desta época como sofredor e angustiado, tornando-se escravo do mundo por falta de oportunidade e conhecimento que tanto marginalizava o povo camponês.

2 AS RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E AS REALIDADES HISTÓRICO-SOCIAIS DO SÉCULO XVIII

O século XVIII é caracterizado por acontecimentos de grande importância e chega a desempenhar um papel transformador, pois ficou conhecido como século das transformações em relação à Literatura e às questões sociais. Nesse sentido, o homem se entrega à pesquisa, onde o conhecimento torna-se elemento primordial para a transformação da sociedade (mundo).

Na Literatura, o pensamento iluminista destaca-se como fator crucial na elaboração dos textos. Em primeiro lugar, Rousseau publica o clássico do Iluminismo, o "Contrato Social". Outro autor que se destacou neste século foi Kant, com a obra "Crítica da Razão Pura" publicada em 1781, em que contribuiu para o avanço da Literatura, pois a sociedade começava a despertar sua visão crítica em relação ao poder opressor deste período. Assim, surgiam os escritores críticos, usando da produção de textos meios para expressarem suas opiniões, através da corrente positivista.

A obra "Contrato Social" ou "Princípios do Direito Político" é uma das mais importantes obras filosóficas do século XVIII, escrito por Jean Jacques Rousseau, em que se encontra quatro livros subdivididos em vários capítulos. E embalado pela questão da Revolução Francesa, o autor demonstrava ideias iluministas, assim, revelando aos homens políticos duras críticas, em relação ao comportamento, o modo de agir e tudo que marginalizava o homem pobre da sociedade. Corroborando, Schneeberger (2006, p. 183) considera que:

> No Contrato Social, seu livro mais importante, defendia o Estado democrático. Para eliminar os conflitos causados pelo aparecimento da propriedade privada, os homens teriam assinado um contrato social. Foi a origem da sociedade civil. Nela, a função do Estado seria regular as relações entre os cidadãos. O Estado deve sempre representar a maioria dos cidadãos, devendo ser, portanto, democrático.

As formas de governar, o valor dos governantes, em relação à sociedade, e seu papel de administrador de um povo, alinhavam o pensamento da nova sociedade. Tendo em vista que o homem desde sua criação seria um indivíduo bom, mas a sociedade mudaria esta realidade, pois a questão social poderia o corromper.

A Crítica da Razão Pura também é considerada uma das mais importantes obras filosóficas do século XVIII, escrita por Emmanuel Kant. Destaca-se por utilizar

questionamentos que provoca nos leitores a curiosidade de encontrar as determinadas respostas. A obra relata um estudo aprofundado de temas relevantes da sociedade desse período. Encontram-se entrelaçados os vários tipos de conhecimentos, que serviram de base para escrever a obra, que se destaca a questão do conhecimento empírico (sentidos) e o conhecimento puro universal da razão (experiência). No contexto histórico, em que se encontrava a sociedade, colaborou para o surgimento de nova ideologia, chamado Idealismo Alemão. (BRAICK, 2006)

A sociedade começava a desenvolver debates, reuniões, conflitos, manifestos, tudo em busca de uma sociedade igualitária. Dessa forma, o poder da burguesia passava a ser questionado e a entrar em declínio, tendo por consequência os grandes revoltos e manifestos dos nobres.

Neste contexto, o homem através de seus conhecimentos demonstrava que determinados acontecimentos faziam parte de sua história. Assim, aos poucos iam despertando um conhecimento crítico. No entanto, começaram a desenvolver-se acontecimentos históricos, que marcaram o século XVIII em todo o mundo, dentre eles destacaram-se alguns, como: a Reforma (1517), Contra-Reforma (1534), Arcádia Lusitana (1756), Independência dos Estados Unidos (1775-1783), Revolução Industrial na Inglaterra (1777), Inconfidência Mineira (1789) e Revolução Francesa (1789- 1799). As questões sociais neste período ganharam força, com isso, o mundo passou por transformações. Na Europa, as revoluções ganharam crescimento, pois, o cidadão estava sendo destruído, como abuso de poder dos governantes. (BRAICK, 2006)

Neste século ocorre também a reforma religiosa, surgindo, assim, o Protestantismo, uma religião contra ao catolicismo e com uma nova ideologia. O movimento só teve a crescer, ganhou autonomia, que revolucionou este período religioso. E tendo como principal representante o Padre Martinho Lutero, que fazia parte do clero e revoltado pelas absurdas falsidades dos padres em relação à nobreza, revoltou-se contra a própria Igreja. Como consequência, separou-se do clero e construiu uma nova visão religiosa conhecida como Protestantismo. Referindo-se a isso, Schneeberger (2006, p.149, grifo do autor) salienta:

> A Igreja luterana adquiriu características nacionais. O próprio Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, e o latim foi substituído pelo alemão na celebração do culto, estimulando o interesse do povo. O luteranismo manteve a ideia da presença espiritual de Cristo na eucaristia (consubstanciação), mas rejeitou a transubstanciação (transformação do pão e do vinho em corpo e sangue de Cristo).

Sabe-se que Martinho Lutero foi o grande responsável no desenvolvimento do Protestantismo em todo o mundo. Ele levou os cristãos a refletir sobre a verdadeira conduta da Igreja Católica perante aos fiéis.

Anos depois, com a perda de muitos fiéis, a Igreja Católica sentiu a necessidade de criar algo que pudesse reverter a Reforma criada por Lutero. Deu início, então, à Contra-Reforma. A Contra-Reforma foi um movimento que abalou a estrutura física e espiritual dos fiéis, que seguiam os ensinamentos da Igreja Católica, ou seja, foi uma tentativa de resgatar os seguidores do catolicismo que estavam desgarrando-se dos ensinamentos pregados pela Igreja Católica.

Nesse contexto, Schneeberger (2006, p. 155) afirma que:

> O Concílio de Trento iniciou a Reforma Católica de 1544 a1563, com intervalos, os conciliares discutiram as medidas a serem adotadas. Decidiram manter o monopólio do clero na interpretação dos dogmas, reforçar a autoridade papal e a disciplina eclesiástica. Outras medidas foram: Formação obrigatória e ordenação dos padres em seminários, confirmação do celibato clerical, proibição da venda de indulgências e relíquias, manutenção do direito canônico e edição oficial da Bíblia e do catecismo.

Dessa forma, a Igreja Católica recuperou algumas de suas identidades, em que, ao longo dos anos, tinham sido esquecidas devido ao Protestantismo. Assim, a mesma constituiu um poder religioso que determinou o poder papal sobre todos os mal feitos em relação à Igreja Católica e proibiu todas as publicações contra a instituição.

No início da primeira metade do século XVIII o pensamento barroco entrou em declínio. O homem já estava cansado do "mau gosto", termo utilizado por escritores para definir o Barroco. Com isso, surge a Acárdia Lusitana, onde a obra "Camões" de Almeida Garrett dá inicio ao novo estilo literário.

> *Inutilia truncat* suprir o que é inútil, era o lema da Arcádia Lusitana. Fundada em 1756, foi mais uma das muitas academias que desde os últimos anos do século XVIII haviam proliferado em Portugal, mas com origens e fins diversos. Seu modelo, a Academia de Roma, defendia desde 1690 os seus valores da simplicidade na poesia, na moralidade e na arte. Criada por jovens magistrados e funcionários a que se juntaram depois alguns também jovens clérigos oratorianos, pretendia precisamente ser um pólo aglutinador das idéias que vinham há já algumas décadas sendo defendidas pelos "modernos" na "querela dos antigos e modernos". (TEMÁTICA..., 2005, p. 202, grifo do autor)

Percebe-se que esta academia tinha como objetivo uma nova estética de Literatura, em que os jovens se tornaram ao longo dos tempos adeptos a este estilo. Utilizava-se nas obras uma linguagem simples e sem exagero, ou seja, o objetivo era cortar os exageros e a extravagância, características do Barroco, passando a vivenciar os pensamentos

renascentistas, o homem volta-se para a simplicidade, o bucólico. Os árcades cultivavam o *carpe diem*, que representa "gozar o dia".

O século XVIII foi marcado também pela a Independência dos Estados Unidos. A primeira colônia foi formada em 1607 na Virgínia, o que levou a formação das treze colônias. Foi o início de grandes acontecimentos que geraram a Independência dos EUA. Marcada por grandes guerras, em 04 de julho de 1776 Thomas Jefferson redigiu na Filadélfia a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, mas somente depois de muitos conflitos foi que a Inglaterra em 1783 reconheceu a independência das colônias através do Tratado de Versalhes.

Sobre a Independência dos Estados Unidos, Schneeberger (2006, p. 193) corrobora que:

> Thomas Jefferson redigiu a Declaração da Independência, promulgada em 4 de julho de 1776. Ela proclamava o desejo de liberdade, busca da felicidade, igualdade e o direito de rebelião contra o autoritarismo. Foram feitas violentas críticas ao rei Jorge III, o símbolo do despotismo.

Com isso, nota-se que a guerra entre a colônia, a metrópole e a consequente independência política fez dos Estados Unidos o primeiro país livre da América, onde se baseou de pensamentos iluministas, assim garantindo uma nova ideologia de democracia e sociedade.

A Inglaterra foi o berço da Revolução Industrial, o mundo encontrava uma das formas mais eficaz de produção, pois as máquinas ganhavam seu espaço como ferramenta produtiva. Neste contexto, as máquinas começaram a ocupar o lugar dos operários, assim, a mão de obra perdeu espaço na indústria. O mundo de mecanização provocava uma mudança drástica na sociedade, tanto na produção, como na questão social, assim o homem começava a se isolar da vida agrícola, para vivenciar uma vida urbana. Segundo Elias (apud CECÍLIA, 2014, grifo do autor):

> Podemos configurar os camponeses obrigados a deixar seu modo de vida e suas terras, como 'outsiders', diante dos já estabelecidos nos novos centros urbanos, já que de pequenos proprietários que pertenciam a uma comunidade, passam forçosamente a um novo tipo de trabalho e moradia, empilhados em torno das fábricas.

Nesse sentido, percebe-se que os acontecimentos desse período provocaram um impacto na sociedade, transformando-a numa sociedade industrial. De fato, o modo de vida das pessoas sofreu grandes alterações, ocorreram mudanças da vida rural pautada na manufatura para a vida urbana baseada na industrialização, ocorrendo assim o êxodo rural.

No Brasil, a crise surgiu nas regiões das Minas, tudo isso ocorrendo no século XVIII, onde as jazidas diminuíam cada vez mais a sua extração dos minérios, com isso, causando o esgotamento da produção das mineradoras. Os impostos eram cobrados de acordo com o ouro extraído, em que os colonos tinham que pagar um quinto para Portugal, ou seja, oferecer 20% do ouro descoberto. O exagero das cobranças de impostos impulsionou o início de uma grande revolta, que de certa forma tinha como espelho a Independência dos Estados Unidos.

Nesse sentido, Bury (2006, p.27, grifo do autor) analisa que:

> A Inconfidência – literalmente "traição" – de 1789 foi punida com uma severidade que deu aos seus líderes uma aura de martírio, embora só Joaquim José da Silva Xavier tenha sido executado. Nada poderia ilustrar melhor a transformação da sociedade mineira nesse período do que o contraste entre o caráter e os objetivos dos líderes de 1720e de 1789. Entretanto, as punições aplicadas indicam que, durante esses setenta anos, a atitude da Coroa portuguesa e dos governadores coloniais praticamente não mudou. E,como acontecera em 1720, a severidade desencorajou quaisquer novas ideias de rebelião. Minas entrou numa fase de declínio e pobreza, da qual sairia apenas momentaneamente com a declaração de Independência do Brasil em 1822.

Na Europa estudavam muitos jovens brasileiros, que neste período voltam para o Brasil, trazendo consigo ideias ligadas ao Iluminismo, porém, muitos reivindicaram seus direitos, mas no final o governo conseguiu estabilizar a revolta.

Assim, teve-se início a Inconfidência Mineira, tendo como líder Joaquim José da Silva Xavier "Tiradentes", que também exercia a função de dentista, lutou pela liberdade do povo que já estava revoltado com as altas taxas da cobrança de impostos. Tiradentes espelhava-se nos ideais da Revolução Francesa: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". Quando descobertos da rebelião contra a derrama (acúmulo da dívida do quinto), ostentou sozinho a culpa do movimento, com isso, acabou sendo executado e esquartejado, tendo suas partes distribuídas por toda a região. (BRAICK, 2006)

Na França inicia a Revolução Francesa, uma revolta que buscou em seus princípios, uma liberdade de direitos, assim, tendo como tema, uma sociedade igualitária, onde todos pudessem trabalhar com cobrança de menos impostos, com isso deixando de lado um período de marginalização e escravização dos pobres, para enriquecimento do governo, da nobreza e da igreja.

Sobre o processo revolucionário da França, Schneeberger(2006, p. 203, grifo do autor) diz que:

> A Revolução Francesa causou profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, além de tornar a burguesia a classe dominante. Ela foi uma verdadeira "revolução atlântica", pelos seus efeitos na Europa Ocidental e na América Colonial, e seus efeitos foram sentidos ao longo de

> todo o século XIX. O mundo contemporâneo é, em boa parte, produto da Revolução Francesa, por suas idéias de igualdade política e jurídica.

Com isso, a Revolução Francesa foi um movimento revolucionário bastante complexo e apesar de ser inspirada nos princípios iluministas: liberdade, igualdade e fraternidade, o fato é que ela serviu muito mais para colocar a rica burguesia no poder, do que para construir uma sociedade mais fraterna.

Portanto, através de estudos pode-se reconhecer que o papel da Literatura em relação aos fatos históricos, que ocorreram no século XVIII, foi influenciado por ideias iluministas, ou seja, todas as revoltas e todos os manuscritos dos grandes escritores tinham uma mesma ideologia, voltados para uma nova sociedade, onde o povo pudesse ter vez de falar, lutar e reivindicar seus direitos. Um novo ressurgimento, pois, consideravam que neste período a sociedade estava na escuridão, assim surgia uma luz para libertar o povo.

3 O BARROCO

O Barroco foi um movimento artístico e literário iniciado no fim do século XVI, na Itália, e que se estendeu principalmente pela Europa Católica, pois o mesmo se desenvolveu no meio do povo católico que era a maioria neste período e que a Igreja Católica detinha o poder sobre a sociedade. Durante o século XVII e as primeiras décadas do século XVIII, o Barroco caracteriza-se pelo uso exagerado de recursos estéticos, onde as figuras de linguagem se tornaram uma ferramenta primordial para o desenvolvimento desta Arte. Assim, sempre usando a busca de efeitos e a complexidade da forma. (PAULINO, 1988)

Ideologicamente, seus temas eram voltados para os acontecimentos e injustiças que aconteciam na sociedade desse período, embora alguns de procedência renascentista transmitissem uma visão negativa do mundo e do homem, o que resultou num sentimento de desilusão que impregna a obra de muitos escritores, que não acreditavam em uma nova realidade e liberdade, que tanto sonhavam, mas usavam da literatura para denunciar determinados atos.

É um estilo voltado para uma referência (e não a imitação) e para a ilusão, fuga da realidade convencional. Neste sentido, o homem encontrava-se em uma constante luta, em que se sentiam inseguros pelos acontecimentos da sociedade. Acreditava-se que estavam em um mundo vago, com isso, fugia da realidade, pois sua imaginação e suas dúvidas confundiam-lhe como cristão ou cidadão. O homem desse período era dividido entre as coisas terrenas e celestes (PAULINO, 1988). Percebe-se isso principalmente no trecho da obra de Gregório de Matos “A Jesus Cristo Nosso Senhor”:

> Se uma ovelha perdida é já cobrada
> Glória tal e poder tão repentino
> Vos deu, coma afirmais na sacra história
> E sou, senhor, a ovelha desgarrada,
> Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
> Perder na Vossa ovelha a Vossa Glória.
> (TEIXEIRA ; LIMA, 2010, p. 173)

Percebe-se, portanto, que o estilo barroco se caracterizava por apresentar nas obras dos autores uma dualidade espiritual, ou seja, gozavam das coisas terrenas reconhecendo Deus como um ser supremo. Isso se dava nas poesias lírico-religiosa: pecado X perdão.

Surgiu no final do século XVI e início do século XVII e se expandiu por toda a Europa. Em 1580, Portugal passava por grandes mudanças, pois morrera um dos principais escritores do país "Camões". Nesse mesmo ano, Dom Sebastião, rei de Portugal, em uma viagem à África é morto, com isso o país é dominado pelos espanhóis, que logo implantaram sua cultura e o estilo literário chamado Barroco. Nesse mesmo período, a Igreja Católica passava por mudanças, em que o Protestantismo crescia cada vez mais, abalando o povo português, pois a religião católica era dominante em Portugal.

Nesse século, o mundo passava por um período de grandes conflitos e contradições. O homem começou a revolucionar, através do Racionalismo. Suas ideias, opiniões, ganhariam força na sociedade. Logo, os cidadãos iniciaram em todo mundo conflitos e revoltas, em busca de melhoria e conhecimento. A Igreja Católica começava a perder poder, os indivíduos refletiam sobre a sua fé, característica principal do movimento Barroco. Assim, a sociedade que era teocêntrica, começava a se revelar adepta ao Antropocentrismo. (BRAICK, 2006)

O Barroco é obra de um período em que o tradicionalismo da igreja se intensifica, reagindo contra a novidade da época e os estimas burgueses como o amor, o luxo, o dinheiro, etc. Procurava-se restaurar um clima de religiosidade, contrário às ideias da antiguidade clássica.

Em torno deste contexto, o Barroco foi a síntese de tentar unir o homem renascentista com a tradição religiosa medieval. Com isso, através da arte barroca, fez-se com que o homem conciliasse os valores medievais (teocentrismo) com os valores renascentistas (antropocentrismo) inseridos em uma ótica extravagante. O homem barroco representava a dualidade resultante da fusão desses contrastes. (BRAICK, 2006)

Essa disparidade provocou o aparecimento de atitudes divididas dos artistas face ao mundo, à vida e a si mesmo. Pois hora acreditavam em Deus, em seguida, não. Pregavam o amor, depois o ódio, a vida e a morte. Nesse sentido, Achar (1994, p. 102) menciona que:

> O homem barroco, pelas circunstâncias referidas, é tenso, dividido e angustiado. Essa sensação sufocante provém das pressões antagônicas a que é submetido: de um lado, não querendo apagar da memória a perspectiva libertária que lhe fora revelada pelo Renascimento.

Nas artes usava de exagero, como forma de despertar a atenção da sociedade para esse novo estilo literário. O período caracterizou-se por ser um somatório de duas vertentes literárias: Renascimento e a Idade Média. Na Idade Média, a religiosidade era algo primordial, todos respeitavam e seguiam os ensinamentos pregados pelo clero. Nessa perspectiva, a sociedade vivenciava duas realidades de tempos diferentes. No período

Renascentista, o homem interessou-se pelo cientificismo, a pesquisa, a ciência e a razão, preterindo a religiosidade, pregada pela Igreja Católica e de grande importância para os cristãos. (BRAICK, 2006)

Em outras palavras, a produção literária barroca abandonou parcialmente o Classicismo renascentista e voltou-se para o espiritualismo medieval. "O hedonismo[1] renascentista é substituído no Barroco por valores mais sérios, espirituais, rompendo-se os limites humanismo antropocêntrico". (MARTINS, 2014, p. 157)

Percebe-se que embora o homem tivesse no período Renascentista, momento em que o racionalismo e a ciência alcançou o seu apogeu, ele continha no seu subjetivismo uma filosofia cristã voltada para os ensinamentos pregados pela Igreja Católica no período medieval.

Na produção literária do século XVIII, por meio da arte barroca, deu-se início a uma nova forma de literatura, tanto no aspecto formal quanto no conteúdo. Nesse sentido, Achar (1994, p. 103, grifo do autor) afirma que:

> Os autores barrocos seguiram ora a tendência do cultismo (predominante na poesia), ora a do conceptismo (mais freqüente na prosa). Embora apresentassem aspectos que permitem distinção, existem composições em que seus limites se apagam. Quando o fenômeno ocorre, patenteia-se o hibridismo, que, por vezes, gera ambiguidade, outro traço marcante do Barroco.

No entanto, o conceptismo era caracterizado como uma estética barroca, chamada de gongórica: a preocupação era centrada na linguagem, que deveria ser bem trabalhada. Nessa concepção, o homem se mostrava tenso, ou seja, o mesmo vivia em uma constante luta entre as coisas terrestres e as coisas celestes, pois hora voltava-se para Deus, fugindo do pecado, e em outro momento se entregava às necessidades do mundo, principalmente à paixão por mulheres, consideradas deusas por muitos. (PAULINO, 1988)

Como autores no período barroco destacam-se nomes como: Padre Manuel Bernardes, Rodrigo Lobo, D. Francisco Manuel de Melo e o maior nome da época, Padre Antônio Vieira. Como afirma Moisés (2008, p.115)

> O Padre Antônio Vieira é a maior personalidade, humana e cultural, dessa época, a que sua estatura invulgar deu nível e serviu de símbolo perfeito. Nele se encontram reunidas, em estranho compósito, as linhas de força que norteiam o complexo quadro do Barroco Português.

Com isso, percebe-se o grande destaque do Padre Antônio Vieira dentro da Literatura Barroca. Foi considerado um dos maiores escritores da área da Literatura

[1] Doutrina filosófica que faz do prazer o objetivo da vida. (BUENO, 2000, p. 402)

Portuguesa e Brasileira. Com seu jeito de pregador, usava das palavras o principal elemento para seus sermões.

Portanto, o Barroco é um estilo literário complexo, em que através do jogo da linguagem, os autores criavam sua imaginação para fugir das grandes desilusões que a sociedade passava nessa época. Nesse contexto, os pensamentos se defrontavam, o espiritual e o terrestre se confrontavam, o homem sentia-se dividido entre o pensamento renascentista e o medieval.

3.1 Espiritualidade e teocentrismo da Idade Média x racionalismo e antropocentrismo do renascimento

São muitas as situações da vida em que as oposições estão presentes, interferindo de forma significativa na forma de vida do homem. O sim e o não, a esquerda e a direita são algumas dessas situações de oposição que consequentemente podem surgir no cotidiano.

No século XVI, o homem, em busca de uma sociedade mais justa e equilibrada, procurava através da Literatura um rebuscamento das artes plásticas, uma nova forma de expressão do artista. Para conciliar todos os fatos que predominavam nas estruturas políticas e religiosas, o homem renascentista deixou de priorizar a emoção e a religiosidade, e, assim, encontrou na razão outra forma para expressar sua subjetividade. O homem renascentista tinha uma visão ampla e renovadora, um olhar voltado para um ressurgimento, do mesmo e da sociedade, que perpetuavam por décadas como marginalizada e pobre. (BRAICK, 2006)

O indivíduo dessa época tornou-se uma contradição e a arte se traduzia na expressão do contraste característico desse período. Tem-se de um lado a espiritualidade e o Teocentrismo marcante da Idade Média, vistos pelos seus ícones e preservados em parte pela Igreja. Por outro, havia o pensamento que ressaltavam o Racionalismo e o Antropocentrismo do Renascimento. Sobre o Teocentrismo segundo Braick (2006, p.92, grifo do autor)

> Durante a maior parte da Idade Média, Deus foi o centro das preocupações humanas, e as ideias relacionadas à religião dominavam as artes, as ciências e o cotidiano das pessoas. Esse conjunto de características é denominado teocentrismo (Deus como centro do universo).

Diante do exposto, percebe-se a valorização de Deus para os homens da Idade Média, ou seja, o racionalismo era totalmente excluído da sociedade da época e eles tinham no espiritualismo a base de todos os seus projetos.

Referente ao Antropocentrismo, Braick (2006, p.92) afirma que:

> Com as mudanças ocorridas na Baixa Idade Média, o ser humano passou a valorizar sua capacidade criativa e realizadora. A valorização do homem como ser supremo é o que chamamos de antropocentrismo. Esse novo enfoque, porém, não significava a negação da religião, da crença em Deus nem um conflito com as ideias religiosas, mas sim uma valorização da racionalidade da crítica e da experiência individual.

Usando essa mesma linha de raciocínio, o autor demonstra que o Antropocentrismo não foi uma demonstração incrédula da população em relação a Deus, mas uma visão crítica em relação aos fatos que a ciência (racionalismo) proporcionou no período.

O poder da Igreja Católica era um fator crucial na sociedade Medieval, mas com o Renascimento que anteriormente foi preparado pelo Humanismo, surgiu uma nova ideologia perante a sociedade. A Europa passava por uma transformação e a igreja cada vez mais sendo sufocada pelas indulgências cobradas com forma de impostos/dízimo dos fiéis. Dessa forma, o padre Martinho Lutero surgia com o movimento protestantista, que dava início à Reforma, um fato primordial para o surgimento de uma nova sociedade. Assim, a Igreja Católica criava o Concílio de Trento para julgar os perseguidores do papado, e muitos fieís deixaram o catolicismo e seguiram uma nova ideologia religiosa. (NEJAR, 2011)

No contexto histórico, essa oposição é visível ao se estudar sobre o Teocentrismo e o Antropocentrismo, pois a Idade Média foi marcada pelo Teocentrismo. Nesse período, Santo Agostinho realizou um estudo que abordava sobre a salvação espiritual e a condição do homem no mundo. (NEJAR, 2011)

As obras de Santo Agostinho eram repletas de palavras muito influenciadas pelas guerras e invasões que marcaram a queda do Império Romano. Através das leituras e das explicações de suas fortes obras, ele decidiu que o homem fosse tomado pelo pecado original. Dessa forma, o ser humano acabava reunindo em um só ser a condição de criatura inferior, imperfeita, poluída e mortal. (NEJAR, 2011)

Com o passar dos tempos, percebeu-se que essas perspectivas de Santo Agostinho, ligado ao crescimento da própria Igreja, marcavam fortemente o modo de vida teocêntrico realizado durante a Idade Média. Desse modo, o Teocentrismo ficou voltado totalmente para o lado espiritual, ou seja, tinha-se Deus como o centro do universo.

4 O BARROCO NO BRASIL

No Brasil, o Barroco iniciou-se no século XVII, a partir do ciclo do ouro. Foi a primeira escola artística a envolver todas as atividades culturais e conseguir formular expressões tipicamente brasileiras, que eram símbolos do nascente sentimento nacionalista, mas considerado um estilo apenas absorvido, pois no Brasil não possuía uma escrita significativa. (PAULINO, 1988)

Nesse sentido, o estilo barroco é considerado como uma primeira escola literária no Brasil, ou seja, não totalmente brasileira, mas que desenvolveu no país atividades e manifestações que contribuíram para literatura de forma geral, representado sobretudo nas obras do Padre Antônio Vieira, entre outros.

O Barroco brasileiro nasceu e se desenvolveu em situações um pouco diferente do Barroco português, pois seu público se restringia a uma elite muito pequena, mas que aos poucos foi ganhando espaço e valorização.

No Brasil, o Barroco ganhou seu espaço lentamente, pois nesse país não se via a riqueza que se via em outros países, onde o Barroco já estava bem situado, e assim esse movimento foi ganhando características próprias e um público que a cada dia se encantava mais com suas inúmeras obras.

As cidades auríferas de Minas Gerais foram as que tiveram a grande produção artística barroca no Brasil, no chamado século do ouro (século XVIII), pois essas cidades eram ricas e tinham uma intensa vida cultural e artística em constante desenvolvimento. O Barroco necessitava de apoio para se situar no Brasil e aquelas cidades tinham suportes financeiros. Dessa forma, conquistaram subsídios para assim mostrarem a beleza do estilo no restante do país, e aos poucos começaram a surgir os primeiros escritores nascidos no Brasil, e, com eles, despontavam as primeiras manifestações da valorização da terra natal, dentre eles estavam Gregório de Matos e Bento Teixeira, sendo que o último foi responsável pela produção da obra que é considerada o marco inicial do Barroco brasileiro “Prosopopeia”. (PAULINO, 1988)

Assim, o Barroco no Brasil ganhava impulso e entre 1720 e 1750 destacou-se totalmente, pois foram fundadas várias academias literárias por todo o país. O movimento sinuoso das formas, o jogo dos opostos, a luz tangente e a exuberância dos detalhes e de ornamentos caracterizaram fortemente a arte barroca no Brasil. (PAULINO, 1988)

Destaca-se no Barroco brasileiro o poeta Gregório de Matos que valorizava a irreverência. O autor não publicou, em vida, nenhuma coletânea de seus escritos, fato esse que proporcionou muitas dificuldades para o reconhecimento de suas obras. A sua obra foi publicada por Afrânio Peixoto em 6 volumes, entre 1923 e 1933, com o título de "Obras de Gregório de Matos". Entretanto, hoje a obra de Gregório de Matos é reconhecida como um projeto literário, pois superou os limites do próprio Barroco.

Nesse sentido Nejar (2011, p. 55, grifo do autor), analisa que:

> Gregório de Matos e Guerra (1636-1695) foi o maior poeta do Brasil Colonial, o que ainda lhe é pouco, diante da generosidade e da natureza de seu gênio, lírico algumas vezes, satírico na maior parte. E se influências sofreu, foram as de Gôngora e Quevedo, forjando sua criação barroca, ao contrário do Brasil vertiginoso[2], contraditório, com a cor de seu povo. O cognome de *Boca do Inferno* bem lhe condiz, por não suportar a mediocridade e a corrupção dos poderosos nem os péssimos costumes do seu tempo.

Gregório de Matos foi um poeta que não escondia a realidade da sua colônia, pois ele não se deixava levar por conversas dos poderosos da época que tentavam esconder a realidade dos olhos da população e, em suas obras, Gregório mostrou a verdadeira sociedade em que todos estavam implantados, e por razão de suas obras sátiras ficou conhecido como "O Boca do Inferno".

Nesse período, também se destaca o celebre Padre Antônio Vieira, que através do dom da oralidade conseguiu catequizar os nativos que no Brasil moravam. Mas para alcançar seu objetivo de catequização dos índios, estudou a língua dos nativos e assim adaptou-se a esta cultura. Anos mais tarde elaborou a primeira gramática da língua tupi guarani. (PAULINO, 1988)

Portanto, Padre Antônio Vieira sempre lutou pelos mais necessitados. Seus sermões criticavam a sociedade que tanto marginalizava os pobres. Nessa visão, a própria igreja não fugia da crítica do padre e nem dos governantes. Dessa forma, demonstrava autenticidade em tudo que falava, e não se submetia ao poder da inquisição.

4.1 O contexto histórico-cultural: século do ouro

[2] Que tem ou produz vertigens; que gira com rapidez; que perturba a razão ou a serenidade do espírito. (BUENO, 2000, p. 796)

Ao chegarem ao Brasil, os primeiros exploradores procuravam ouro e metais preciosos, com o objetivo de exportar para a metrópole. As riquezas existentes no Brasil abrangiam várias zonas que foram descobertas um pouco mais tarde. Entre as descobertas, uma das principais foram: o pau-brasil, um solo fértil e também os índios. O ciclo do ouro ou ciclo da mineração foi um marco importante da história do Brasil, pois foi o período em que a comercialização do ouro dominavam a dinâmica econômica da colônia.

Nesse período, ocorreram vários movimentos contra a metrópole que já estava em decadência com a descoberta do ouro na região de Minas Gerais. Foi um marco para que a crise não se aprofundasse. O ouro estava sobre o controle econômico e administrativo do governo português no século XVIII. As normas adotadas pelo governo eram muito rígidas, levando à insatisfação do povo. Tudo isso gerou grandes revoltas como: Revolta de Vila Rica e Inconfidência Mineira, ambas lutavam pela Independência e o rompimento com a colônia portuguesa. (BRAICK, 2006)

Diferentemente da Revolta de Vila Rica e da Inconfidência Mineira que foram duas grandes revoltas, a Inconfidência Baiana e A Conjuração do Rio de Janeiro não chegaram a ser uma revolta, pois a Inconfidência Baiana não teve condições políticas reais para transformar-se numa revolta e a Conjuração do Rio de Janeiro não implicou contra a metrópole, tendo sua dimensão social e política muito restrita. (BRAICK, 2006)

No Brasil, o século XVIII foi conhecido como século do ouro e Ilustração, sendo dividido em dois pontos. Nessa perspectiva, Roncari (2002, p.181) explica:

> O estudo da literatura brasileira do século XVIII deve levar em conta dois fatos: um de ordem particular, a descoberta do ouro no Brasil e sua exploração intensiva; e outro, de ordem geral, a profunda revolução no plano do pensamento e das manifestações vivida pela Europa, nesse século que se convencionou chamar de Século das Luzes ou da Ilustração.

Nesse sentido, percebe-se que o século do ouro marcou o início de uma nova visão do homem contemporâneo que antes vivia na obscuridade, e a partir dos princípios da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, inicia-se o processo de revoltas com o desejo de independência.

4.2 Os jesuítas e sua influência no ensino e na arte brasileira

No Brasil os primeiros escritos pertencem a um período conhecido como Quinhentismo, desenvolvido principalmente pelos jesuítas como forma de orientação religiosa e moral. Os nativos que habitavam nessas terras possuíam sua autonomia, dentro dos conhecimentos culturais e religiosos próprios de seu povo. Nessa perspectiva, o homem nativo começava a enfrentar as grandes perseguições dos portugueses, que chegaram e ocuparam todo o território brasileiro.

Nesse século, a Igreja Católica era a maior liderança sobre toda comunidade mundial e os portugueses possuíam uma grande liderança católica. O jesuíta, segundo Sala (2002, p.17), "[...] de todas as ordens religiosas que se instalaram no Brasil no primeiro século de nossa história foi a que melhor soube dotar seus membros de um equipamento intelectual adequado à sua missão". Sendo assim, a Companhia de Jesus demonstrou-se extremamente rica no que tange a construção da história artística brasileira, onde os padres eram pessoas responsáveis pelo o processo de catequização. Com o avanço dos portugueses nas terras brasileiras, houve a necessidade de trazer alguns padres para "humanizar" e catequizar os índios. Nesse sentido,

> O jesuíta, além de psicologicamente ativo pela ideia de catequese, é dotado de um aparato intelectual notável: sabe construir com terra, madeira ou pedra, conhece desenho e geometria, fala duas ou três línguas européias além do latim e se move tão à vontade nos trâmites dos negócios da corte quanto no convés de um navio. (SALA, 2002, p.17)

Todavia, os padres enfrentaram grandes barreiras, por parte dos índios e também pelo clero. De modo geral, os governantes sentiam-se ameaçados, pois os nativos passaram a construir seus próprios conhecimentos, e deixando de lado a exploração da mão de obra, que a própria igreja utilizava para seu enriquecimento.

Os padres jesuítas tinham a responsabilidade de catequizar os índios, por isso foram os primeiros professores no Brasil. A primeira escola primária brasileira foi fundada em Salvador, em 1549, pelo padre Manuel da Nóbrega. (MOISÉS, 2008)

Tanto na religiosidade como na área da educação, os jesuítas se destacaram, pois os mesmos concretizaram um trabalho de readaptação a uma nova cultura e uma nova religião e ao novo idioma. Dessa forma, houve a necessidade de estudar o tupi guarani para após começarem o processo de catequização e de ensino dos índios. Nesse período, foi elaborada a primeira gramática, pelo padre Antônio Vieira, que se tornou o maior orador e pregador para os nativos e para os estrangeiros que no Brasil habitavam no período da colonização.

4.3 A influência da arte barroca no Maranhão

A influência da arte barroca no Maranhão está ligada principalmente às igrejas, em especial à Igreja da Sé, edificada no século XVII, sendo considerada uma das mais antigas de São Luís (MORAES, 1995). A igreja passou por diversas transformações, mas, até hoje, encontra-se nela traços do estilo barroco no retábulo-mor que é uma excelente amostra desse estilo. Nesse sentido, Moraes (1995, p.42) enfatiza:

> O altar-mor é um belíssimo exemplar da arte portuguesa seiscentista. Ostenta excessiva ornamentação com predominância de dourado superposto a fundo azul, apoia-se em colunas salôminacas e é coroado por arcos concêntricos que se interligam através de elementos radiais.

Figura 1 – Imagem do Retábulo-MOR



Fonte: Temática Barsa (2005).

O Barroco brasileiro foi diretamente influenciado pelo Barroco português, até que com o tempo assumiu características próprias. Segundo Moraes (1995, p.42)

> A Igreja da Sé depois de numerosíssimas transformações internas e externas que recebeu ao longo de três séculos, apresenta exteriormente o aspecto que lhe deu a reforma realizada em 1922 pelo bispo D. Helvécia Gomes de Oliveira: completa remodelação da antiga fachada, de estilo colonial primitivo, assimétrica e de frontão curvilíneo.

Com essas transformações, a Igreja da Sé, em seus aspectos arquitetônicos, nunca deixou de contemplar em sua estética primitiva a preservação quanto ao seu surgimento que até o presente momento preserva a arte barroca em um contexto contemporâneo, que encanta o verdadeiro artista moderno.

Perceber o estilo barroco no Maranhão requer uma observação no conjunto arquitetônico do centro histórico de São Luís, para fins comparativos, da construção civil de ambientes religiosos. As igrejas certamente estão em desvantagem se comparadas às construções residenciais. Real e imaginário se mesclam na origem e nos diversos nomes da Igreja e sua relação com o movimento Barroco. Nessa perspectiva, Oliveira (1999, p. 91) enfatiza: "O Barroco é a arte dos contrastes. O artista tenta conciliar estas forças polares. O resultado é uma arte hiperbólica e desigual, que expressa, por meio do rebuscamento formal, a angústia desse conflito".

Com isso, percebe-se que a influência do movimento barroco na arquitetura da Igreja da Sé teve ainda a influência do clero como um agente promotor desta forma de construção, tendo como princípio uma tendência artística que se desenvolveu primeiramente nas artes plásticas na Itália do século XVII.

5 PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Antônio Vieira nasceu em Lisboa no dia 06 de fevereiro de 1608. Nessa mesma cidade, viveu até os 7 (sete) anos. Passou alguns anos só na companhia de sua mãe, pois seu pai havia viajado ao Brasil por motivos de trabalho. Durante esse período, sua mãe o ensinou a ler e a escrever. (PAULINO, 1988)

Figura 2 – Imagem do Pe. Antônio Vieira



Fonte: Temática Barsa (2005).

Após alguns anos, o pai de Antônio Vieira regressava à Lisboa, onde viveu 2 (dois) anos e logo após mudou-se de vez para o Brasil, levando consigo a família. No Brasil, a família de Vieira instalava-se na Bahia, que na época era a capital do Brasil. Ele estudou com os jesuítas e aos 15 (quinze) anos decidiu voluntariamente integrar-se na Companhia de Jesus. O principal motivo que o levou a ingressar na companhia foi a audição de um sermão sobre os castigos do inferno que o impressionou muito. (PAULINO, 1988)

A partir de então, Antônio Vieira deu início à escrita de seus inúmeros sermões, sendo a maioria deles ligados aos papéis que o autor desempenhou na sua vida religiosa. Diante disso, Achar (1994, p. 106) considera que:

> O conjunto de sua obra guarda estreita relação com a vida pública: os costumes, a economia, a guerra, a política, a literatura, etc. Extensa e variada não apresenta, uma unidade absoluta, que demonstre coerência de posições: em sua oratória, Vieira ora defende interesses coletivos – com isenção de propósitos -, ora interesses pessoais, assumindo posições partidárias.

> Focalizou também temas abstratos, como a caridade, a justiça, a avareza, o amor e a beleza, em suas várias dimensões.

Antônio Vieira, embora muito religioso, nunca se ateve apenas a pregações religiosas, pregava também para índios, brancos, negros, brasileiros, africanos, dominadores e dominados. Por meio da catequese, ele pôs em prática suas ideias políticas em defesa do índio. Após alguns anos, Vieira retorna à Lisboa, enviado pela Companhia de Jesus para homenagear o novo rei em nome da colônia brasileira. Nesse contexto, entre Antônio Vieira e D. João IV nasceu um grande laço de amizade que durou até a morte do monarca. (MOISÉS, 2008)

O sucesso de Vieira em Lisboa foi tão grande que, provavelmente por inveja, a Companhia de Jesus tornou-se disposta a expulsá-lo. No entanto, a proteção de D. João IV e o grande amor do padre pela Companhia evitam a expulsão. Os sermões de Vieira o tornaram notável devido à riqueza da sua linguagem, à sua deslumbrante imaginação, ao seu dom de impressionar e comover e à sua capacidade tremenda de argumentar para qualquer público.

Nesse sentido, Achar (1994, p.115) aborda:

> Antônio Vieira é considerado o grande mestre da oratória na língua portuguesa. A qualidade de seu texto serve como ponto de referência aos que tratam a palavra como objeto de arte: Vieira sempre procurou usá-la com inteligência e elegância, além de obter o efeito de persuasão inerente à retórica, arte de bem falar.

Por defender os indígenas, Pe. Vieira foi duramente atacado pelos colonos, porém não se desviou de sua missão. Os índios o titulavam de "*paiaçu*" que quer dizer "pai grande", reconhecendo assim os bens feitos que o padre fazia por eles. Os colonos portugueses não excitavam em maltratar os indígenas, fato este que levou Antônio Vieira a apresentar queixas ao rei contra os colonos, que longe de Lisboa faziam suas próprias leis (MOISÉS, 2008). Na véspera de sua partida para Lisboa, Vieira escreveu o sermão de Santo Antônio aos Peixes, com o objetivo de denunciar através da obra o sofrimento dos indígenas. Eis aqui um trecho do sermão:

> Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que o movimento das cabeças estais dizendo que não e, com olhardes uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos: e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, isto continuadamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens. (VIEIRA, 2008, p. 61)

Em se tratando de alguém que conseguiu escapar ileso à fogueira da Inquisição, punido com o silêncio e condenado à residência fixada em colégio jesuítico por determinação superior; alguém que ainda assim manteve o ânimo, o entusiasmo em suas pregações, que

tinham a profundidade e a clareza simultânea do bom uso das palavras simples para provocar em seus ouvintes a reflexão e o terror nos governantes certamente está além de seu próprio tempo.

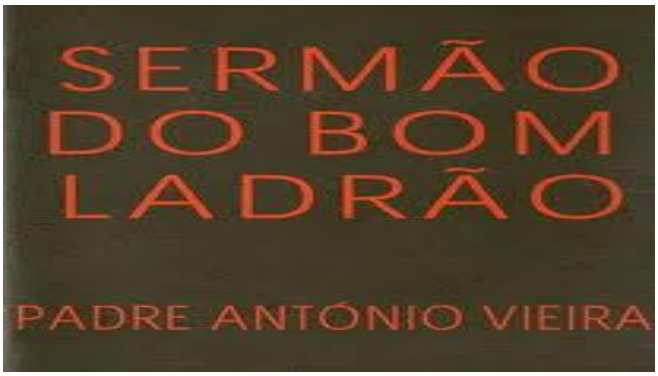
A sua genialidade teve como instrumento de expressão a oratória. O púlpito era o seu palco. Soube como ninguém defender-se dos Tribunais da Inquisição. Vieira conduziu de forma magistral sua missão de pregador, na qual fazia da retórica um canal de aprendizagem, dando vida, produzindo ação em sua narrativa, sua linguagem transformada em figura; ganhava vida através de seus ouvintes que se tornavam pensadores ativos. Sua fé, portanto, estava diretamente ligada à forma como se utilizava da palavra, à facilidade com que manipulava o vernáculo e foi justamente em meio à retórica barroca que seu discurso teceu significações extraordinárias à fé cristã. (MOISÉS, 2008)

Em seu trabalho, não há uma busca pela unidade, mas um desejo incontido de promover a indagação para assim, ensinar aos fiéis o valor e a importância do sagrado, do qual se considerava um interlocutor. Em muitas passagens de sua vasta obra utiliza-se do recurso da repetição para desta forma, ao retomar o significado dado a uma frase inicial, faz na verdade uma recolocação para outro nível de entendimento.

Dois anos antes de sua morte, Padre Antônio Vieira foi acusado de ter solicitado votos para eleger um dos padres da sua congregação a procurador de Roma. Como um grande homem pediu a Roma que revertesse tal decisão, o mesmo foi ouvido, mas ao chegar tal resolução final ele já não existia, ou seja, aquele forte homem guerreiro, lutador, audacioso, se encontrava enfermo e com pouca visão, mas mesmo assim não deixou de escrever seus pequenos rabiscos. (MOISÉS, 2008)

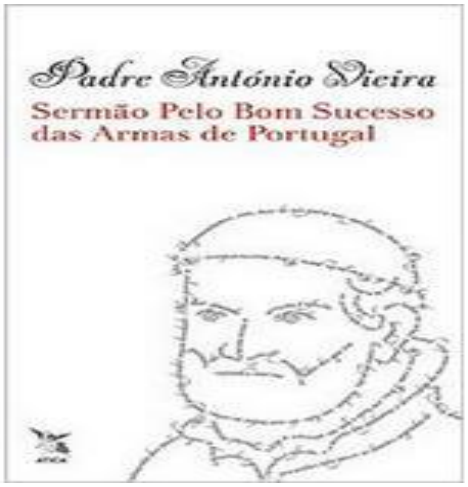
Padre Antônio Vieira morreu com 89 (oitenta e nove) anos, na Bahia, no dia 18 de julho de 1697, onde foram feitas homenagens tanto na Bahia como em Lisboa (MOISÉS, 2008). A partir daí muitos reconheceram a ausência daquele grande e sublime gênio da Literatura, que escreveu mais de 200 (duzentos) sermões e mais de 500 (quinhentas) cartas divididas em volumes para melhor entendimento e preservação das obras, dentre os seus sermões estão:

Figura 3 - Sermão do Bom Ladrão, escrito em 1665.



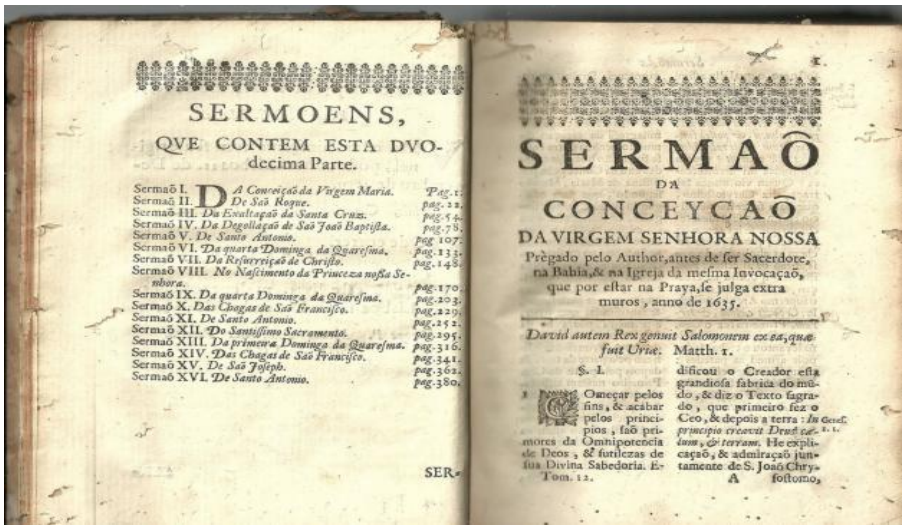
Fonte: Temática Barsa (2005)

Figura 4 - Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal, escrito em 1640.



Fonte: Temática Barsa (2005)

Figura 5 - Sermão da Conceição, escrito em 1635.



SERMOENS,

QVE CONTEM ESTA DVO-decima Parte.

Sermaõ I. *A Conceiçaõ da Virgem Maria.* Pag. 1
Sermaõ II. *De Saõ Hoyue.* pag. 22
Sermaõ III. *Da Exaltaçaõ da Santa Cruz.* pag. 56
Sermaõ IV. *Da Degollaçaõ de Saõ Joaõ Baptista.* pag. 78
Sermaõ V. *De Santo Antonio.* pag. 107
Sermaõ VI. *Da quarta Dominga da Quaresma.* pag. 133
Sermaõ VII. *Da Resurreiçaõ de Christo.* pag. 148
Sermaõ VIII. *No Nascimento da Princeza nossa Senhora.* pag. 170
Sermaõ IX. *Da quarta Dominga da Quaresma.* pag. 203
Sermaõ X. *Das Chagas de Saõ Francisco.* pag. 229
Sermaõ XI. *De Santo Antonio.* pag. 252
Sermaõ XII. *Do Santissimo Sacramento.* pag. 295
Sermaõ XIII. *Da primeira Dominga da Quaresma.* pag. 316
Sermaõ XIV. *Das Chagas de Saõ Francisco.* pag. 341
Sermaõ XV. *De Saõ Joseph.* pag. 362
Sermaõ XVI. *De Santo Antonio.* pag. 380

SER-

SERMAÕ

DA

CONCEYCAÕ

DA VIRGEM SENHORA NOSSA

Prègado pelo Author, antes de ser Sacerdote, na Bahia, & na Igreja da mesma Invocaçaõ, que por estar na Praya, se julga extra muros, anno de 1635.

David autem Rex genuit Salomonem ex ea, quæ fuit Uriæ. Matth. 1.

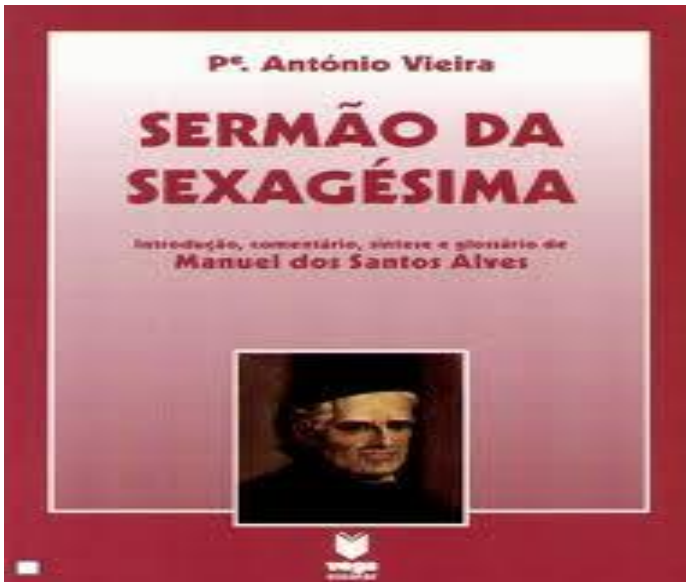
§. I.

Começar pelos fins, & acabar pelos principios, saõ primores da Omnipotencia de Deos, & fortalezas de sua Divina Sabedoria. E- Tom. 12.

dificou o Creador esta grandiosa fabrica do mundo, & diz o Texto sagrado, que primeiro fez o Ceo, & depois a terra: *In principio creavit Deus cœlum, & terram.* He explicaçaõ, & admiraçaõ juntamente de S. Joaõ Chrysostomo, A

Fonte: Temática Barsa (2005)

Figura 6 - Sermão da Sexagésima, de 1655.



Fonte: Temática Barsa (2005)

Figura 7 - Sermão de Todos os Santos, escrito em 1643.



Fonte: Temática Barsa (2005)

6 LINGUAGEM FIGURADA COMO RECURSO LITERÁRIO

Padre Antonio Vieira soube utilizar as figuras de linguagem como muita peculiaridade. Sugeriu que o pensamento devia ser esmiuçado, criando uma espécie de movimento capaz de fazer florescer os mais diferentes significados dos textos sagrados. Em outras palavras, por meio da repetição, foi capaz de criar uma transformação de ambiguidade e anunciar uma série de novas proposições a partir de um ponto. Com sutileza criou um movimento para iniciar a reflexão, como uma onda, organizava dentro dos princípios lógicos a base, a estrutura de seu pensamento. (NEJAR, 2011)

O pensamento de Vieira é organizado pela forma da linguagem. Seu texto é produzido numa variedade de sentidos na medida em que na composição dos paradoxos cria, estabelece e impede a constituição de um plano único como verdade. Ao contrário, busca na multiplicidade dos seus símbolos, criar uma atmosfera de perspectivas e conclusões na qual, a palavra, sua arma de guerra, proporciona dentro da diversidade da simbologia barroca um sentido novo ao pensamento cristão, fazendo por meio da sugestão, um suscitar de pensamentos refletidos exaustivamente, motivados por diversas e diferentes ordenações que Vieira dava à frase. (NEJAR, 2011)

Entretanto, esta linha de trabalho ganhava liberdade na sintaxe das frases, o discurso em si torna-se pleno. O modo como Vieira manipula a forma narrativa provoca em seu interlocutor um questionamento interno, levando-o de fato a um estado que lentamente se aprofunda numa reflexão e introspecção.

Os conceitos das figuras de linguagem citadas abaixo estão fundamentadas no gramático Bechara (2009).

Alguns recursos estilísticos presentes neste sermão de "Santo Antônio aos Peixes":

a) Antíteses – consiste na aproximação de palavras que se opõem pelo sentido. "*Tanto pescar e tão pouco tremer!*" (VIEIRA 2008. p. 55). Pode-se encontrar a figura de linguagem antítese na palavra *tanto* e *pouco*, pois representam sentido oposto no enunciado.

"[...] deu-lhes dois pares de olhos, uns que diretamente olhassem para cima [...] e outros dois que olhassem diretamente para baixo [...]". (VIEIRA, 2008. p. 56).

Pode-se encontrar a figura de linguagem antítese nos termos *para cima* e *para baixo*, pois os representam o sentido oposto no enunciado.

"Oh que boa doutrina esta era para a terra, se eu não pregara para o mar!" (VIEIRA, 2008. p.74).

Pode-se encontrar a figura de linguagem antítese na palavra *terra* e *mar*, pois as mesmas representam sentido oposto.

b) Comparação - Reúne dois elementos, por meio de um termo de comparação (conjunção ou locução conjuntiva), pondo em evidência uma ou mais características que se julga haver entre eles.

"Certo que se a este peixe o vestiram de burel[3] *e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo Antonio."* (VIEIRA, 2008, p. 52).

Através da palavra *parecia,* que é o termo de comparação na frase, pode-se identificar a figura de linguagem, pois a palavra *peixe* é comparada a um *retrato marítimo de Santo Antônio.*

"O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura [...]". (VIEIRA, 2008, p. 72).

Através da palavra *parece*, que é o termo de comparação na frase, pode-se identificar a figura de linguagem, onde o *polvo* é comparado com um *monge* e com uma *estrela*.

"Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor." (VIEIRA, 2008, p. 73). Através da palavra *qual* que é o termo de comparação na frase, pode-se identificar a figura de linguagem comparação, pois a palavra *peixe aleivoso* é comparada à traição de Judas.

"Quantos, correndo fortuna na Nau Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por proa se a língua de Antonio, como rêmora[4]. (VIEIRA, 2008, p. 53).

Através da palavra *como,* que é o termo de comparação na frase, pode-se identificar a figura de linguagem, pois o enunciado, *a língua de Antonio* é comparada a *rêmora*.

[3] Burel – Tecido grosseiro de lã com que os religiosos se vestiam; hábito de religioso.
[4] Rêmora – Peixe também conhecido por vários outros nomes, como agarrador, pegador, peixe-pegador, peixe-piolho, peixe-de-tubarão. Possui um disco adesivo elipsoidal sobre a cabeça, com o qual se prende aos tubarões, para se locomover.

c) Paralelismos e anáforas – Repetição da mesma palavra ou expressão em intervalos regulares, no princípio de frases ou de membros de frases.

"Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar [...]." (VIEIRA, 2008, p.44).

Pode-se identificar a figura de linguagem Paralelismo\Anáfora na palavra *deixa* e nos termos *vai-se*, pois os mesmos se repetem na frase.

"Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo [...]". (VIEIRA, 2008, p. 73). Pode-se identificar a figura de linguagem Paralelismo\Anáfora nos termos, *faz-se* e *se está*, pois os mesmos se repetem na frase.

d) Ironia – Consiste em utilizar uma palavra, expressão ou frase em sentido diverso do literal, obtendo-se, com isso, conotação depreciativa ou satírica.

"Mas ah! sim, que me não lembrava! Eu não prego a vós, prego aos peixes". (VIEIRA, 2008, p.52).

Pode-se identificar a figura de linguagem Ironia, no termo *os peixes*, pois, utiliza-se da conotação depreciativa ou satírica ao colocar vós (povo) no sentido diverso, ou seja, ironizando o povo como espécie de peixe.

"E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa [...] o dito polvo é o maior traidor do mar". (VIEIRA, 2008, p. 72).

Pode-se identificar a figura de linguagem Ironia, nos termos *aparência tão modesta* e *hipocrisia tão santa*, pois utiliza-se da conotação depreciativa ou satírica, ou seja, utiliza os temos no sentido diverso, pois no final da frase caracteriza o povo como traidor.

e) Metáfora – Consiste em utilizar uma palavra, ou expressão, em lugar de outra, por haver entre elas uma relação de semelhança, de similaridade.

"[...] onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes há tantos séculos?" (VIEIRA, 2008, p 56).

No termo *cegueira*, o autor se utiliza da metáfora, pois o povo não estava cego da vista e sim das ações de maldade que os senhores causavam ao povo, e os mesmos não reagiam.

"[...] vestir ou pintar as mesmas cores [...]" (VIEIRA, 2008, p. 72).

Pode-se reconhecer a figura de linguagem metáfora nos termos *vestir* ou *pintar*, pois o autor compara o *polvo* ao *povo*, nas suas pregações.

"[...] e o polvo dos próprios braços fez a corda." (VIEIRA, 2008, p. 73).

Na frase, fica evidente a figura de linguagem metáfora, quando comparado os braços como forma de corda.

f) Trocadilho – Tipo de jogo feito com as palavras cujos sons se assemelham e são iguais, embora tenham diferentes significados, e por isso tornam-se divertidos.

"[...] *o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo Antonio abria a sua contra os que se não queriam se lavar".* (VIEIRA, 2008, p. 52).

Pode-se reconhecer a figura de linguagem trocadilho ao relacionar que o peixe abriu a boca contra quem se lavava e Santo Antonio abria a sua contra os que se não queriam se lavar.

"Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra." (VIEIRA, 2008, p.48).

Pode-se reconhecer a figura de linguagem trocadilho ao relacionar que os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar enquanto o peixe recolheu nas entranhas a Jonas.

g) Gradação – Consiste na apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anteclímax).

"Nau Soberba, Nau Vingança, Nau Cobiça, Nau Sensualidade; passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescado". (VIEIRA, 2008, p. 54).

Ao colocar a palavra *Soberba*, *Vingança*, *Cobiça* e *Sensualidade* no sentido ascendente, o autor utiliza-se da figura gradação. Também, ao relacionar o modo de pescar no sentido ascendente, pois, primeiro fisga-se o peixe com o anzol e tendo uma linha, esta linha tendo uma vara e esta vara segura ao um braço, demonstrando um conjunto de ideias progressivas.

6.1 Análise da obra "O Sermão de Santo Antonio aos Peixes"

O "Sermão de Santo Antonio aos Peixes" é uma continuidade do denominado "Sermão das Tentações", que remonta ao período em que Portugal lutava para

recuperar sua independência. Pregado no dia de Santo Antonio, em 13 de junho de 1654, no Maranhão, na véspera da partida do Padre Antonio Vieira a Lisboa. A justificativa de seu retorno à corte foi para tentar obter por parte do rei o cumprimento do diploma real, uma vez que os colonos exigiam de forma contundente a posse dos nativos sem que houvesse um controle por parte dos jesuítas. Tentou a todo custo em suas pregações obter uma legislação que tratasse os índios com mais justiça.

Utilizando-se de uma notável construção literária e uma argumentação extraordinária, o sermão basicamente elogia as virtudes humanas e, sobretudo, faz uma censura forte aos vícios que condenam os homens, fazendo uso da personificação, dirigindo suas palavras aos peixes, mas, na verdade, pretendia falar aos homens de sua época e precisamente sobre o contexto histórico - social.

Valendo-se dos exemplos deixados pelos ensinamentos de Jesus e Santo Antonio, entre outros, de modo permissivista, o autor estrutura seu sermão, na alegoria e em sucessivas interrogações retóricas, enriquecidas pelo poder das figuras de linguagem, interjeições e exclamações, atingindo, em cheio o emocional de seus ouvintes, sempre comparando o contexto social com passagens bíblicas.

O "Sermão de Santo Antonio ou dos Peixes" foi dividido em seis capítulos, em três partes.

a) A primeira - Exórdio:

Iniciado com a seguinte afirmação **"*Vos estis sal terrae*"[5] .** Eis o mote do sermão, que corresponde à introdução, constituindo-se, assim, do capítulo I e II. O texto bíblico servirá de tema a ser conduzido, desenvolvido dentro das perspectivas do autor, de acordo com sua intenção.

Divide o sermão em três partes, a partir de duas propriedades do sal: na primeira, por sua natureza, o sal conserva as virtudes dos peixes são louvadas na pregação; na segunda, o sal preserva da corrupção, neste ponto o pregador com toda sua astúcia repreende os vícios que os peixes podem ter, e terceira a peroração. Nesse momento, comenta sobre a difícil arte de pregar e, aproveitando a data solene, cita as dificuldades enfrentadas por Santo Antonio, inclusive com risco de vida, que enfrentou indo à praia para pregar aos peixes, uma vez que não fora ouvido pelos homens.

[5] S. Mateus, V, 13. – Tradução: Vós sois o sal da terra.

b) A segunda - Desenvolvimento

O sermão caracteriza-se pela alegoria, na qual os peixes são metáforas de homens. As suas virtudes são representações contrastantes dos defeitos dos homens e os seus vícios são diretamente metáforas dos vícios dos homens. O pregador fala aos peixes, mas seus ouvintes são os homens, a quem de fato pretende atingir. (VIEIRA, 2008)

No capítulo III, Vieira observa as qualidades dos peixes de forma bem generalizada, alicerçando seu discurso ao exemplo bíblico de Jonas, que embora tenha fugido ao chamado divino, foi forçado a obedecê-lo, sendo tragado pelo peixe, nas entranhas do qual permaneceu durante três dias.

Com o intuito de mostrar as características comportamentais dos peixes, frente ao comportamento quase sempre negativo dos homens, aponta algumas rotas a serem seguidas para a compreensão do desenrolar de seu raciocínio. Neste sentido Vieira (2008, p. 45) aborda:

> Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só coisa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que não se há de converter.

Para o autor, os peixes são obedientes, pois ouvem atentamente e não falam, em oposição aos homens que falam em demasia e não ouvem a palavra de Deus; foram os primeiros seres da criação; são os mais numerosos e os maiores; somente os peixes, entre todos os seres vivos, não são domados nem domesticados. Ressalta-se que os animais que convivem com o homem foram castigados pela ausência de liberdade. Em seguida, o autor utiliza-se de quatro peixes para dissertar sobre os seus atributos particulares e compará-los aos homens.

Peixe de Tobias

Peixe que possui uma entranha e um coração, cujas propriedades simbolizam o poder purificador da palavra de Deus, uma vez que curou a cegueira do pai de Tobias, grande personagem bíblico. *Cordis ejus particulam, si supercabonesponas, fumus ejus extricatomne gentis Daenioniortimet fel valet ad ungendosoculos, in quibus fueritalbugo, etsanabinntur*[6]. (VIEIRA, 2008)

[6] Tobias, VI, 8. – Tradução: se puseres um pedaço do coração sobres brasas, a sua fumaça expulsará todo o gênero de demônios, o fel é eficaz para ungir os olhos e aqueles em que houver belida (isto é, névoa no olho), curar-se-ão.

Caminhava, pois, Tobias com o anjo Rafael, quando decidiu lavar os pés num rio, atacado por um peixe enorme. Temendo pela sua vida, foi ordenado pelo anjo a pegar o peixe e arrancar suas entranhas e guardá-las, pois o fel curava a cegueira e o coração expulsava demônios.

> Abria Santo Antonio a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado pelo fervor e zelo da fé e gloria divina. E ele o que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e pensavam que ele queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que revelasse qual o coração desse homem e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos seria! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as estranhas, é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas coisas pretende de vós, e convosco:uma iluminar e curar as vossas cegueiras, e outra, lançar-vos os demônios de fora de casa.(VIEIRA, 2008, p.52)

Voltando para a sociedade deste período, Vieira demonstrava que os homens não conheciam o interior do próximo, ou seja, as maldades e toda espécie de pecado cegava-os e dominava-os. Este peixe é comparado a Santo Antonio, cuja missão apresentava as mesmas virtudes deste peixe. Assim, ele, que através da evangelização sobre Deus ensinava ao homem que ao se arrepender era necessário lançar para fora toda espécie de culpa (pecado) e também se desvendar da máscara da cegueira, que impedia que o mesmo olhasse para Deus.

Peixe - rêmora

Segundo a etimologia do termo, rêmora vem do latim e traduz-se por *demora* (VIEIRA, 2008). No sentido denotativo é o peixe, no conotativo representa o obstáculo. Simbolicamente representa o poder da palavra daquele que prega, que orienta as almas humanas, alguém que conseguiu o domínio sobre o ímpeto das paixões humanas.

> E Tal foi também a virtude e a força da língua de Santo Antonio. O leme da natureza humana é o arbítrio, o piloto é a razão; mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do arbítrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a Língua de Santo Antonio quanta força tinha, como a Rêmora, para domar a fúria das paixões humanas.(VIEIRA, 2008, p. 53)

Percebe-se que o autor ao comparar o homem ao peixe Rêmora indica uma forma de reconhecer Deus como Salvador, e que a razão não deva prevalecer em nossa liberdade, como se observa na frase, temos o nosso livre arbítrio, mas para Deus devemos sempre prevalecer firme na fé. Para tanto, o homem deve deixar de lado as paixões humanas, que muitas vezes são escolhidas pela razão, e isso usado de forma errada demonstra que o homem não usa o temor de Deus para suas escolhas e não segue o exemplo de Santo Antonio, que era eloquente, firme e fiel somente a Deus.

Portanto, as palavras de Santo Antonio funcionam como as rêmoras para os ouvintes se estes permanecerem ouvindo-as. Por outro lado, aqueles que não as ouvem são atingidos indubitavelmente pelas desgraças morais.

Peixe torpedo

Este peixe produz uma forte descarga elétrica quando fisgado, não se permitindo assim ser pescado com facilidade, ou seja, o seu contato faz tremer o braço do pescador. (VIEIRA, 2008) Nessa perspectiva, o autor ressalta que se tivesse a habilidade para pregar, de Santo Antonio, os homens tremeriam.

> Mas da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou à inveja de outra não menor, admirável é igualmente a quantidade daquele outro peixezinho, a que os latinos chamaram Torpedos. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a boia sobre a água, e em lhe picando na isca o Torpedo, começa a tremer-lhe o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que, num momento, passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador. (VIEIRA, 2008, p. 54)

Através do elo entre o peixe torpedo e o homem, Vieira demonstrava que a argumentação ou a pregação usada de forma autêntica pode transmitir aos ouvintes virtudes de renovação, ou seja, a falar a verdade sobre Deus, e sendo seguro naquilo que fala, o pregador pode repassar sua virtude para os ouvintes, podendo se arrepender e converte-se. Várias ordens religiosas usam os peixes para o sustento de seus membros. Há peixes para os ricos e peixes para os pobres. O objetivo desta distinção não é outro senão o de criticar os abusos, a exploração dos ricos em detrimento dos pobres explorados. A figura do torpedo também está relacionada ao fato de que 22 pescadores que ao ouvirem a pregação de Santo Antonio tremeram e em seguida se converteram.

Peixe quatro-olhos

Denominado Peixe quatro-olhos por serem dotados de dois pares de olhos, uns voltados para cima, outros para baixo (VIEIRA, 2008). Chama bastante a atenção, uma vez que simboliza a obrigatoriedade do cristão em buscar as coisas de Deus, sem esquecer a existência de um inferno, fechar os olhos para a vaidade humana. Representa a vigilância e a providências próprias de Deus.

> Oh! que bem informaram estes quatros olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixezinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso da razão, só devo olhar

> direitamente para cima, e só direitamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno. (VIEIRA, 2008, p. 56).

Ensina que o homem ao está no mundo deve obedecer a regras. E que ao seguir os mandamentos de Deus também deve reconhecer que existe o inferno, ou seja, o homem deve está em constante oração e usando sua fé como prioridade e deixando de lado muitas vezes a razão, que tanto o mundo prega.

No capítulo IV, o Padre Antonio Vieira descreve algumas repreensões, para os homens, onde os mesmos são piores que abutres; e também que os maiores comem os menores. Com isso, Vieira (2008, p.58) afirma:

> A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.

De modo sequencial, o autor trata de fazer as repreensões aos peixes e apresenta as de caráter geral, no qual acusa os peixes de comerem uns aos outros, utilizando-se de um exemplo próprio dos homens para explicar tais ações. Os homens exploram sem piedade outros homens, assim como os peixes grandes comem os menores. Acusa-os, o autor, de cegueira, vaidade e de terem em seu íntimo a maldade. Naturalmente o objetivo das repreensões é o de promover a reflexão dos ouvintes.

Após a repreensão exposta pelo autor, está a comprovação dos fatos: assim como os peixes são facilmente fisgados, os homens exploram facilmente os índios. Faz também uma crítica acirrada à exploração dos negros. Afirma ainda que os peixes são cegos e ignorantes, e exemplifica de forma contrastante a esta situação o exemplo de Santo Antonio que "pescou" muitos para a salvação porque jamais deixou-se enganar pelas presunções, abraçou a simplicidade, trocando-a pelas riquezas do mundo.

Considerando o caráter particular das repreensões, no capítulo V, o autor utiliza-se de quatro exemplos de peixes para referir-se a certos padrões comportamentais: simbolicamente o roncador representa o arrogante; o pegador, os oportunistas; o voador, os ambiciosos e o polvo, que representa o traidor e o hipócrita, aquele cuja aparência mascara a essência, onde impera a traição e a hipocrisia na singeleza de um olhar doce, num abraço.

Peixes roncadores

São peixes pequenos, pescados com facilidade, são simples. Entretanto, representam a soberba, o orgulho, a arrogância e a pouca firmeza de caráter. São exemplos de

roncadores: São Pedro que renunciou a Deus; o gigante filisteu Golias; Caifás[7] e Pilatos (VIEIRA, 2008). Comparando-os a Santo Antonio com toda sua sapiência e poder, não se tornou orgulhoso, antes silenciou por obediência, por isso jamais foi abatido, mas sua voz permanece até hoje.

> Os arrogantes e os soberbos tomam-se com Deus, e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho e calar e imitar Santo António. Duas coisas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás roncava de saber: Vos nescitisquidquam[8]. Pilatos roncava de poder: Nescisquia potestatemhabeo.[9] E ambos contra Cristo. (VIEIRA, 2008. p. 67).

Observa-se que o homem, ao usufruir do poder ou do saber, e tendo em sua sociedade um povo sem conhecimento, usa-se de prepotência e arrogância para manusear de forma ilegal sua nação. Assim, esquecendo-se de Deus e passando a perseguir os indivíduos desta determinada sociedade. Achando-se os donos do mundo, mas não exercendo essa virtude como transformadora da sociedade, e sim como destruidora.

Peixes pegadores

Caracterizam-se pela fragilidade e pequenez, que os levam a buscar apoio em peixes maiores em cuja dependência vive e com os mesmos morrem (VIEIRA, 2008). São considerados parasitas. São exemplos de pegadores: Herodes e sua corte (no sentido puramente negativo); Davi e Adão e Eva. Santo Antonio, nesse caso, representa por assim dizer um exemplo positivo de parasitismo, porque se apoiou em Deus e como resultado tornou-se imortal.

> Os que queriam tirar a vida ao cristo Menino eram Herodes e todos os seus, toda sua família, todos os seus aderentes, todos os que seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois é possível que todos esses morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem também com ele os pegadores: *DefunctoHerode, defuncti sunt quiquaerebant animam Pueri.*[10] Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam de vós, nem seguem, como devem, o de Santo Antonio. (VIEIRA, 2008, p. 68, grifo do autor)

Ao denunciar todos os homens que para viver dependiam do seu senhor, o autor relembra que Herodes, através de seus familiares e seguidores, constituem uma estrutura de pegadores, e no sentido negativo, porque ao perseguir Jesus, todos os seus foram juntos, assim

[7]Caifás – Foi sumo sacerdote soberano sacrificador judeu, da seita dos Sudaceus, e presidiu à sessão do tribunal em que ficou resolvida a morte de Cristo

[8] S. João, XI, 49. – Tradução: Vós nada sabeis.

[9] Ibid., XIX, 10. – Tradução: Não sabes tu que tenho poder?

[10] Tradução: Morto Herodes, morreram os que procuravam a alma do menino.

dependiam do mesmo para viverem, as pessoas não tinham sua própria autonomia, sempre dependendo de alguém. E com a morte do Peixe Maior todo o cardume morreria com ele. No sentido positivo o autor dá exemplo de Santo Antonio e entre outros, que era Pegador e dependia de Deus, assim, ao morrer, ganharia a vida eterna.

Peixe voadores

Simbolizando a presunção, o capricho e a ambição, pois foram criados peixes, criaturas do mar, adquiriram a habilidade de voar, assumindo a postura das aves (VIEIRA, 2008). Morrem devido à vaidade de voar, pelo desejo de quererem mais do que o conveniente.

> Com os peixes-voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus peixes? Pois porque vos quereis ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se por acaso não vos conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e sabereis que não sois aves mas peixes, e ainda entre os peixes não dos melhores. (VIEIRA, 2008, p. 70)

São exemplos de voadores: Simão e Ícaro.[11] Santo Antonio, leigo e sem ciência, assim considerado, tornou-se sábio, sabendo o seu verdadeiro papel na sociedade. Com isso, ajudando o próximo e não querendo ultrapassar seu limite, exercendo sempre o que Deus proporcionava, porque tinha suas asas que eram a sabedoria natural e sobrenatural. Todavia, voou em direção à humanidade e jamais usou suas necessidades pela costumeira ambição humana.

Peixe polvo

De todos os simbolismos usados pelo autor, nenhum se compara ao exemplo do polvo por se tratar de um ser que personifica a traição em alto grau, atacando sempre de emboscada, mascarando com uma aparência simples e frágil sua natureza terrível (VIEIRA, 2008). Uma das características do polvo é o mimetismo, capacidade que tem de se metamorfosear para atacar de espreita os animais incautos que penetram em sua área.

> Judas abraçou Cristo, mas outros o prenderam; o polvo dos próprios braços e mais prende. Judas com os braços fez o sinal, e o polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas à frente; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz é a luz, para que não distinga as

[11]Ícaro – Personagem mitológico, filho de Dédalo, com quem fugiu do labirinto da ilha de Creta, graças às asas que o pai fabricara. Antes que levantasse vôo, Ícaro recebeu a recomendação de não se aproximar demais o sol. O jovem, entretanto, entusiasmo de poder voar, ignorou as conselhos do pai e os raios do sol derreteram a cera que fixava suas asas, e elas se desprenderam, fazendo com que Ícaro caísse no mar que, depois, tomou se nome.

> cores. Vê, peixe traiçoeiro e vil, qual é a tua maldade, pois Judas comparado a ti é menos traidor! (VIEIRA, 2008, p. 73).

Exemplo de polvo: Judas Iscariotes, que representa no sentido negativo a traição. O orador faz uso da figura de linguagem catacrese quando utiliza a expressão *"traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras"*, (VIEIRA, 2008, p. 3) sempre ágio, estrategista, que se finge de inocência, revestindo-se de docilidade, amizade, mas na verdade para encobrir a crueldade de sua natureza que tanto enganou seus amigos. Santo Antonio foi um grande exemplo de candura, de sinceridade e verdade, em seu coração jamais houve mentira; nota-se, assim, uma crítica aos portugueses pelo seu fingimento e engano.

c) A terceira peroração

O capítulo VI trata da conclusão do sermão, no qual o orador exorta os ouvintes a colocarem em prática seus ensinamentos sobre as virtudes e manifesta este desejo com a eloquência própria de seu discurso que impressiona o auditório. Nessa etapa conclusiva, o orador reporta-se aos pregadores, dos quais falava no início, servindo-se de si mesmo como exemplo, considerando que não cumpria verdadeiramente a sua função.

Considera-se que tanto homens como peixes jamais serão capazes de atingir o sacrifício final, uma vez que a morte física dos peixes é a morte espiritual dos homens.

> Na lei eclesiástica ou ritual do Levítico,[12] escolheu Deus certos animais, que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles, ou animais terrestres ou aves, ficaram os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento?[13] O motivo principal de serem excluídos os peixes foi porque os outros animais podiam vir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. (VIEIRA, 2008, p. 75).

O orador procura provocar os homens para que estes se espelhem nas relações entre os peixes, para que assim possam compreender sua realidade, pois estes guardam respeito e obediência a Deus. Afirma ainda que a irracionalidade, a inconsciência e o instinto de que se valem os peixes soam melhor que a capacidade de raciocínio, o livre arbítrio, a consciência, a compreensão e a vontade humanas.

Na última parte do sermão, é feito um apelo emocional aos seus ouvintes, louvando a Deus, transformando a peça do sermão num reinício de diálogo amigável com os ouvintes, aproximando assim orador e ouvintes numa atmosfera familiar. Encerra, dessa

[12] Levítico – Terceiro livro bíblico, assim chamado por conter os regulamentos e observações que dizem respeito aos sacerdotes e levitas (ministros do culto na tribo de Levi). Representa o ritual da religião hebraica.
[13] Primeiro sacramento – Ou seja, o batismo.

forma, o sermão com um canto gregoriano denominado "Benedicite",[14] bem conveniente à celebração da festa de Santo Antonio.

> Louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este mundo, viveu entre nós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no principio vos deu a sua benção, vo-la dê também agora. Ámém. (VIEIRA, 2008, p. 76).

Ao inverter a ordem das palavras: *glória* e *graça* sugerem a transposição dos peixes para os homens, pois todas essas virtudes são capazes apenas os homens e não os peixes. Vieira (1654, p. 76) confirma: *"Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso sermão em Graça e Gloria".* Sugere também esta transformação, que é a conversão para que os homens busquem em um estado de graça glorificar a Deus, alcançando assim a plenitude das virtudes que os tornará melhores, livres da escravidão dos pecados.

6.2 A relação homem X sociedade presente na obra "O Sermão de Santo Antonio aos Peixes"

Na obra de Vieira, "O Sermão de Santo Antonio aos Peixes", observa-se que há uma grande analogia do homem e sociedade, em que ele, através de suas ações, perpassa uma visão de embriaguez, em relação aos ensinamentos pregados pelos jesuítas para catequizarem os cristãos e alcançarem acima de tudo a sua salvação.

Contudo, o homem desse período revela-se através do saber ou poder a grande ambição de enriquecimento, passando por cima de todos e usando de sua maldade para alienarem os nativos ao papel de escravos. Dessa forma, Padre Antonio Vieira denunciava os poderosos, e que foram comparados não somente com os peixes, mas também com os corvos.

> São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado, e já está comido [...] A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores que comem os pequenos: *Quidevorantplebemmeam, ut cibumpanis.*[15](VIEIRA, 2008, p. 60)

Percebe-se que o homem desse período era ambicioso e que procurava marginalizar e destruir o próximo, para somente crescer. Assim, quem mais sofria eram os nativos, que eram comparados com peixes pequenos, e os senhores eram os peixes grandes.

[14]Benedicite – Tradução: louvai.
[15] Salmos, XIII, 4. – Tradução: Que comem o meu povo como se comessem pão.

Com isso, usavam de suas forças para destruírem uns aos outros, e comerem os pequenos através da mão de obra.

A vastíssima obra de Vieira é revestida de uma forte preocupação com o homem e a sociedade de seu tempo. No entanto, respaldado pela forte presença de um intelecto ágil, eloquente, ávido de justiça e generosidade, fruto do seu profundo conhecimento, não apenas da natureza humana, mas também da maneira como a sociedade estava organizada, escolheu um caminho diferente: o clero.

A época em que viveu havia uma enorme carência moral e espiritual, e embora tudo fosse repleto de religiosidade, notava-se que os cristãos eram escravos da vida material. Enquanto o padre vivenciou e analisou bem de perto o que de fato era transmitido ao povo, como ele reagia diante dos acontecimentos sociais? Acredita-se que fora como um defensor das grandes injustiças que o povo passava, e a argumentação era sua ferramenta principal.

> Não é isto, meus peixes, a grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim; nem vós podeis negar. Pois se é grande loucura desperdiçar a vida por dois retalhos de pano, quem tem obrigação de se vestir, vós, a quem Deus vestiu do pé até a cabeça, ou de peles de tão vistosas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e douradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas; não é maior ignorância e maior cegueira deixardes-vos enganar ou deixardes-vos tomar pelo beiço com duas tirinhas de pano? Vede o vosso Santo Antônio, que pouco o pôde enganar mundo essas vaidades. (VIEIRA, 2008, p.64).

Dentro da sua condição, desfrutou da intensa liberdade do púlpito e pode assim falar com franqueza, corajosamente sobre os problemas de natureza existenciais, sociais, espirituais e políticas sempre presentes na labuta cotidiana de seus ouvintes.

Devido às várias amizades conquistadas na Igreja e na corte, a admiração dos seus ouvintes e finalmente da nobreza, soube com maestria aproveitar as oportunidades, além de aplicar de maneira eficaz o seu potencial intelectual e atributos culturais.

Enquanto profundo estudioso e conhecedor dos elementos constituintes da linguística e estilística, possuidor de uma visão compreendida como retórica aristotélica, construiu garbosamente seu vasto império literário. Na literatura mundial de Vieira, assuntos como religião, política, os conflitos sociais, dentre os quais pode-se destacar as profecias: Histórias do futuro, Esperanças de Portugal e Chave das Profecias; as mais de quinhentas cartas que constatam assuntos políticos da época, tais como a real situação do Brasil, o relacionamento entre Portugal e Holanda, sobre a Inquisição e os cristãos novos, e os Sermões, pregados entre Brasil e Portugal, índios e colonos, entre os escravos e os seus senhores e entre os nobres.

Convém lembrar que as desigualdades sociais, os problemas políticos, os conflitos étnicos e raciais, bem como todos os outros de natureza existencial, ainda persistem na sociedade atual, o que torna as obras de Vieira atemporais, sugerindo que devem ser revisitadas, pois podem servir de apoio aos estudiosos da sociedade e fomentar no homem comum a vontade de conhecer mais a sociedade na qual está inserido.

7 CONCLUSÃO

Os séculos XVI, XVII e XVIII podem ser caracterizados, por vários aspectos, como uma época de grandes acontecimentos, em que o poder dominante encontrava-se centrado nas mãos dos senhores e da própria Igreja Católica, por meio do clero. Nesse contexto, o homem se encontrava em um mundo imaginário, ou seja, era controlado e escravizado, e não vivia sua realidade. Essa realidade, por falta de conhecimento e oportunidade, se fechava somente ao trabalho e enriquecia cada vez mais os seus senhores.

Em contrapartida, existiram homens capazes de desafiar os poderosos, sobretudo porque detinham o conhecimento. Dessa forma, enalteciam uma nova visão de vida e mundo que começava a se propagar na sociedade. O conhecimento teocêntrico, nesse momento, é deixado de lado por muitos e o homem é despertado para uma nova tendência. Nessa perspectiva, Deus não é mais visto como o centro de tudo; o homem se coloca como principal personagem.

O conhecimento torna-se mais científico, assumindo características próprias, contrárias a muitos conhecimentos religiosos que eram tidos como inabaláveis. Tudo isso acarretou em várias revoluções e revoltas em todo o mundo, em que sua principal meta era a luta pela liberdade de independência, ou seja, objetivavam uma vida digna e não marginalizada e controlada.

Esse período ficou conhecido como trevas devido à grande quantidade de mortes. Mas logo surgiu também o Iluminismo, movimento de grande importância para o surgimento de novas ideias, e conhecido como o período da luz.

Outro importante momento foi o surgimento das ideias positivistas, voltado mais para a sociedade e como o indivíduo se comportaria nela, esclarecendo, nas mentes de todos, formas de se enfrentar o poder totalitário.

Com o surgimento de uma nova ideologia, a igreja católica começava a perder espaço dentro da sociedade e os novos conhecimentos começavam a ocupar espaço em todo o mundo. Assim, os indivíduos por meio da escrita de obras literárias expressavam suas opiniões e ideias, mas de certa forma censurado e com medo da retaliação dos senhores.

Apresenta-se como um dos principais Sermões da Literatura Brasileira o “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, que foi pregado na cidade de São Luís no estado do Maranhão no ano de 1654, sendo esta cidade uma das principais detentoras da arte barroca, onde as igrejas destacaram-se como principal foco de desenvolvimento da mesma. Com isso, a

principal igreja maranhense que passava a caracterizar o estilo barroco na sua arquitetura foi a Igreja a Sé.

Este Sermão se caracteriza pelo jogo de palavras conhecido como figura de linguagem. O padre utiliza-o para denunciar as injustiças que eram feitas pelos colonos, e se utilizou dos peixes como principal ferramenta de conotação para falar aos homens que tanto se apegaram às coisas mundanas e ao poder; as coisas mundanas serviam para perder sua salvação e o poder para escravizar os nativos.

Nessa perspectiva, o autor não deixou a religiosidade medieval, mas também utilizou o conhecimento pós – renascentista, ou seja, sempre se falava de Deus, mas não deixava de expressar suas ideias de liberdade. Ele enfrentava a própria Igreja para defender os índios. Lutou incansavelmente para renovar uma sociedade que era alienada pelas riquezas do mundo, que embriagava tanto os ricos como também os pobres, mas sempre se utilizando de sua linguagem crítica para desfazer tamanho descaso para com os nativos.

O Padre Antônio Vieira, com muita eloquência, utilizou-se do dom da dialética, para convencer e persuadir os seus ouvintes. Sua linguagem no "Sermão Santo Antônio aos Peixes" se caracterizou como crítica, ou seja, denunciava e falava para a sociedade os grandes abusos sofridos pela população neste período, principalmente a exploração e os vícios terrestres dos nativos e colonos. Escreveu mais de 200 sermões, foram reunidos em 15 volumes, e as cartas, mais de 500, foram organizadas e anotadas em três volumes, na edição de Coimbra (1925-1928). Também é considerado um dos maiores escritores da arte barroca, pois gosta de escrever.

A partir das reflexões acima é de suma importância que, no meio acadêmico, alunos e professores se utilizem deste tipo de texto, pois contribui significativamente para tornar os leitores mais críticos e reflexivos sobre a relação passado/presente/futuro. Na pesquisa, evidenciou-se que o ocorrido no mundo, no período histórico descrito neste estudo, estava ligado, desde o seu surgimento, ao pensamento iluminista que se propagou em todo o mundo.

No Brasil, essa visão do novo se concretizava com o Padre Antônio Vieira, que denunciou e lutou para libertar os nativos da escravização, por meio de suas obras e sermões, que abalavam a estrutura da sociedade dominante e que nunca se sentiu derrotado, sempre tinha uma luz para guiar-lhe nesta batalha tão árdua e, ao mesmo tempo, prazerosa.

REFERÊNCIAS

ACHAR, Francisco. **Literatura portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** – 37. ed. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, MyrianBecho. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

BURY, John. **Arquitetura e arte no Brasil Colonial**. Brasília, DF: IPHAN / MONUMENTA, 2006.

CECÌLIA, Maria Donaldson Ugarte. **O corpo utilitário**: da revolução industrial à revolução da informação, 2004. Disponível em:<http: //*w*ww.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores>acessoem: 09 de abr. de 2014.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **As muitas faces do Barroco.** Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/02/23-nilce.pdf>. Acesso em: 23 de abr. de 2014.
.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MORAES, Jomar. **Guia de São Luís do Maranhão**. 2 ed. São Luís: Legenda. 1995.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.

OLIVEIRA, Clenir Bellizide. **A arte literária**: Portugal\ Brasil. São Paulo: Moderna, 1999.

PAULINO, Graça. **Literatura:** participação e prazer. – Ed. rev. E ampl. – São Paulo: FTD, 1988.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SALA, Dalton. **Ensaios sobre arte colonial luso-brasileira**. São Paulo: Landy, 2002.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **História geral**: teoria e prática. São Paulo: Rideel, 2006.

TEIXEIRA, Carlos Gomes; LIMA, Rodolpho Motta. **Português, literatura e redação**. 2 ed., Rio de Janeiro: Gráfica GPI, 2010.

TEMÁTICA BARSA: língua e literatura v.8. Rio de Janeiro: Barsa Planeta, 2005.

VIEIRA, Antônio. **Sermões escolhidos**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2008.